

DECRETO N.º 4.423, DE 15 DE FEVEREIRO DE 1974.

Dá denominação à via pública de Campinas.

O Prefeito de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX, do artigo 39, do Decreto-lei Complementar n.º 9, de 31 de dezembro de 1969,

D E C R E T A :

Artigo 1.º — Fica denominada "PIXINGUINHA" a rua 11 do Jardim Boa Esperança Continuação, com início à rua 17 e término a rua 10.

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 15 de fevereiro de 1974.

DR. LAURO PERICLES GONÇALVES
PREFEITO DE CAMPINAS

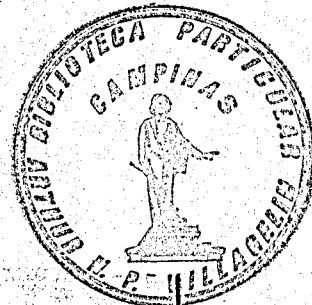
DR. JOÃO BAPTISTA MORANO
SECRETÁRIO DOS NEGÓCIOS JURÍDICOS
ENG.º JOÃO POZZUTO NETO
SEC. DE OBRAS E SERVIÇOS PÚBLICOS

Redigido na Consultoria Jurídica da Secretaria dos Negócios Jurídicos, com os elementos constantes do protocolado n.º 7.234, de 1.º de março de 1973, e publicado no Departamento de Expediente do Gabinete do Prefeito, em 15 de fevereiro de 1974.

DR. ARMANDO PAOLINELI
CHEFE DO GABINETE

RUA PIXINGUINHA

(Denominação dada pelo Decreto 4423, de 15-fevereiro-1974, à Rua 11 do Jardim Boa Esperança - continuação, com início na Rua 17 e término na Rua 10)



Série MPB

Pixinguinha

Alfredo da Rocha Viana Filho, o Pixinguinha, nasceu no dia 23 de abril de 1893 no bairro de Piedade, Rio de Janeiro.

Seu aprendizado musical começou aos 12 anos de idade tocando cavaquinho e bombardino, para depois dedicar-se à flauta onde fez sua primeira composição: "Lata de leite".

Em 1915, Pixinguinha fez sua primeira gravação, para a Casa Falhauber; com o "Choro Carioca", interpretou o tango "São João debaixo d'água" de seu professor Irineu de Almeida. Dois anos depois gravou "Rosa" e "Sofres porque queres", ambas de sua autoria.

Juntamente com o conjunto "Os Oito Batutas" (formado em 1919 e composto de violão, piano, bandolim, pandeiro, cavaquinho, flauta, pistão e canto), Pixinguinha excursionou pela França sendo o pioneiro da divulgação da música brasileira no Exterior. A temporada que inicialmente iria durar um mês, estendeu-se durante mais de meio ano.

Em 1926, foi dirigir a orquestra do Teatro Rialto onde destacou-se como grande orquestrador, profissão até então inexistente no Brasil, pois os arranjos já vinham prontos da Europa.

Ficou com sua flauta até 1946 quando trocou-a pelo saxofone devido à falta de firmeza de suas mãos, mas juntou-se a Benedito Lacerda, excelente flautista, e a dupla gravou vários chorinhos como "Um a zero", "O gato e o canário", "Cinco companheiros" etc.

Na década de 50 ficou meio esquecido. Era a época de bolero, tango e samba-canção, estilo de música opostas ao saltitante dos chorinhos de Pixinguinha.

Com a chegada da Bossa Nova, teve uma atividade até então inédita em seus cinquenta anos de carreira artística: criar a trilha sonora para o filme "Sol sobre lama", junto com Vinícius de Moraes. Foram compostas quatro novas músicas e o poeta colocou letra em "Lamento".

Em 1964, Pixinguinha ficou vinte dias internado numa casa de saúde devido a um enfarte. Compôs uma música por dia, o que era como um diário dos acontecimentos. "Solidão", "Mais quinze dias", "No elevador", "Mais três dias" e "Vou pra casa" são algumas delas.



Sua música mais famosa é "Carinhoso", composta em 1923 e que quatorze anos mais tarde, a pedido do cantor Orlando Silva receberia letra de João de Barro.

Morreu, no Rio de Janeiro, no dia 17 de fevereiro de 1974.

CARINHOSOS

Meu coração
não sei porque
bate feliz quando te vê
E os meus olhos
ficam sorrindo
e pelas ruas vão te seguindo
Mas mesmo assim
foges de mim

Ah! Se tu soubesses como sou tão carinhoso
E o muito e muito que te quero
E como é sincero o meu amor
Eu sei que tu não fugirias mais de mim
Vem, vem, vem, vem, vem sentir o calor
Dos lábios meus
A procura dos teus
Vem matar esta paixão
Que me devora o coração
E só assim então
Serei feliz
Bem feliz.

FOLHINHA DE SP- 17-08-1980

S. PAULO

Domingo, 18 de fevereiro de 1973

Pixinguinha, o ultimo "grande" da velha guarda

Pixinguinha, o ultimo dos "grandes" da velha guarda da musica popular brasileira, morreu ontem, em Ipanema, durante um batizado, bem longe do seu bairro, Olaria, aos 74 anos de idade.

Alfredo da Rocha Viana, o Pixinguinha, era considerado por muitas autoridades em musica popular, inclusive Almirante e Radamés Gnattali, o nosso unico compositor verdadeiramente genial.

Nasceu ele a 23 de abril de 1898, no bairro de Catumbi, no Rio de Janeiro. Foram seus pais Alfredo Viana e Raimunda Viana. Desde muito jovem esteve em contato com a musica, e aos 9 anos já integrava o conjunto de seu pai, que tocava em serenatas e bailes familiares. Aconteceu, então, que o flautista Irineu de Almeida foi morar em sua casa, e o garoto se entusiasmou com o instrumento a que ele se dedicava. Nessa epoca tomou aulas de teoria musical com Cesar Borges, e em 1911 compunha o seu primeiro chorinho: "Lata de Leite". Aos 15 anos começou a ganhar a vida como flautista de uma orquestra do bairro da Lapa. O ambiente não era dos mais recomendáveis, e o pai o convenceu a abandonar o emprego. Pouco tempo depois passou a integrar a orquestra

do cine-teatro Rio Branco, da avenida Gomes Freire, que obedecia à direção de Paulino do Sacramento. Começaram então a surgir os seus famosos choros, que lhe proporcionaram rapida ascensão e a oportunidade de atuar com conjunto proprio, em salas de espera de cinemas. Chamava-se o conjunto "Os Oito Batutas".

Em 1923 e 1924 Pixinguinha atuou no Assirio, com sua orquestra de "jazz". Em 1926 tomou parte na Companhia Negra do Rialto e iniciou, em setembro, uma excursão pelo Prata. Nessa epoca conheceu aquela que se tornaria sua esposa, Jandira Aimoré, cantora paraense. Casaram-se em 1927 e dessa união lhes nasceu um filho, Alfredo. A partir de então, Pixinguinha atua em varias emissoras de radio e desenvolve atividade das mais intensas, como compositor e orquestrador. Está sempre presente onde se faz a melhor musica popular do Rio de Janeiro e inscreve o seu nome definitivamente entre os nossos maiores compositores de todos os tempos.

Em 1946, convidado a gravar 25 discos com Benedito Lacerda, resolveu deixar a flauta de lado definitivamente, passando a se dedicar apenas ao saxofone, instrumento no qual era também virtuose extraordinario. Tocava, também, piano e órgão.

Pixinguinha foi ainda integrante e regente do famoso grupo da Velha Guarda, no qual figuraram algumas das maiores figuras da nossa musica popular, entre as quais João da Baiana, Donga, Bonfiglio de Oliveira e Wantuil de Carvalho.

O grande musico deixou mais de seiscentas composições, todas do mais puro sabor brasileiro. Entre elas podemos citar "Carinhoso", um dos classicos da nossa musica;



Além de compositor, Pixinguinha era conhecido também como um virtuoso do saxofone.

Um mal subito, à beira da pia batismal

RIO (Sucursal) — Alfredo da Rocha Viana Filho, o "Pixinguinha", sentiu-se mal a beira da pia batismal da Igreja N.S. da Paz, onde seria o padrinho no batizado de um neto, Oscar. A poucos quarteirões, e à mesma hora (16h30) a banda da Ipanema começava seu primeiro desfile pré-carnavalesco.

Quando "Pixinguinha" se sentiu mal, foi levado para a sacristia. Os parentes chamaram o Hospital Miguel Couto. Frei Waldemar, que faria o batismo, oficiou a união dos enfermos. Quando a ambulancia chegou, o religioso

ministrava a absolvição sob condição. Acabara de dar a extrema união. O artista estava morto.

"Sua vida apagou-se onde a vida é acesa" — comentou o sacerdote. Pouco depois, chegavam policiais da 14.ª Delegacia Policial, que comunicaram que o corpo não poderia ser retirado, a não ser pelo Instituto Medico Legal, para ser autopsiado. Até as primeiras horas da noite, o "rabecão" do IML não havia chegado. Os familiares anunciaram para hoje a tarde o sepultamento.

"Acerta o Passo", "Aguenta seu Fulgencio", "Caprichoso", "Sensível", "Naquele Tempo", "Um a Zero", "Não Caia, Moço", "Soluços", "Urubaitão", "Gavião Calçudo",

"Teus Ciumes", "Eu Queria", "Samba de Negro" (choros e sambas), "Rosa", "Paginas de Dor", "Invocação", "Fonte Abandonada", "Coração Ferido" (valsas).



FOLHA!

FOLHA DE S. PAULO

São Paulo, quinta-feira, 17 de fevereiro de 1977

42

Há 4 anos, num sábado de carnaval, ao som da banda de

Pixinguinha, le

Pizindim, Bexinguinha, Pixinguinha. Pizindim, bom menino no dialeto africano dos avós que não conheceu nem sabia os nomes; Bexinguinha, o bom menino doente de bexiga; e Pixinguinha, o homem que era quase tudo — do futebol a carregador de piano e tocador de piano, dos sete instrumentos, o carinhoso que o coração fibrilou e a flauta parou de solar em seu peito num sábado exatamente há quatro anos, (1973) quando se preparava para ser padrinho de batismo do filho de Euclides de Souza Lima, seu grande amigo, dentro da Igreja Nossa Senhora da Paz, em Ipanema. Logo depois de ter dito apenas que não estava se sentindo bem, que não iria conseguir assinar o nome no livro de batismo, a Banda de Ipanema passava lá fora abrindo o Carnaval carioca.

Um gênio da música popular brasileira. Filho de peixe, aos nove anos já tocava junto com o pai em bailes familiares e serenatas. Com treze, compunha o primeiro chorinho "Lata de Leite", em 1911. E quando chegou aos 83 anos, companheiro de Donga, João da Balana, Bonfiglio de Oliveira e Wantuil de Carvalho, já tinha perdido a conta de quantas músicas tinha composto — a mais famosa, Carinhoso, foi cantada por

Paulinho da Viola, Paschoal Carlos Magno, Sérgio Cabral e mais ou menos três mil pessoas que foram ao seu enterro, no Cemitério de Inhaúma.

Aguenta seu Fulgêncio, Caprichoso, Sensível, Naquele Tempo, Um a Zero, Não Cala — Moço, Eu Queria, Teus Ciúmes, Samba do Negro, são algumas das composições (entre mais de seiscentas) que Pixinguinha nos deixou, todas elas com o mais puro sabor brasileiro. Costumava dizer, quando alguém pedia para ouvir suas músicas:

— Vamos até em casa. Você vai ver que são tantas que não preciso fazer outras novas.

Morava na Olaria, rua Alfredo da Rocha Vianna — ou seja, o nome com que Pixinguinha foi registrado em cartório. Os aniversários eram comemorados no lugar onde era encontrado costumeiramente: o Bar do Gouveia, na Travessa do Ouvidor, onde tinha cadeira e copo cativos, com seu nome gravado em ouro. Se aposentou diversas vezes, mas nunca parava de compor.

Alegrias, muitas: tocou para muita gente famosa — de Ruy Barbosa a Getúlio Vargas, Príncipe de Gales. Mas o que importava mesmo, era tocar para um público que ele sabia garantido: o povo. Tristezas, poucas.

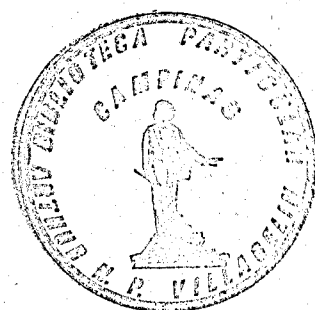
Mesmo porque, para um boêmio como ele era, este sentimento não contava. Nos últimos tempos se lamentava do fim da Lapa, que já não era mais a mesma de quando tocava na choparia Concha, pela primeira vez profissionalmente, aos 15 anos de idade. Lamentava o roubo da flauta Billoro série 2424 e o advento da música de laboratório, "que ninguém entende, mas diz que gosta".

Também fez sucesso fora do Brasil. De Paris, o cronista Floresta Miranda, em 1922, informava sobre a atuação do conjunto do Pixinguinha — Os Oito Batutas — no cabaré Scheherezade: "Sucesso completo. Paris acode àquele dancing. Pixinguinha com sua flauta infernal faz o diabo".

Pixinguinha era querido: quando completou 70 anos de idade, por exemplo, Ricardo Cravo Albin criou a Ordem do Mau-Caráter, no Bar do Gouveia, para as personalidades da música popular brasileira que não fossem ao Teatro Municipal para assistir o concerto comemorativo ao seu aniversário. Ao que se sabe, não foi distribuído nenhum diploma desta ordem.

Na tarde de sábado de 17 de fevereiro de 1973, Pixinguinha não morreu.

H. L.



PIXINGUINHA

Alfredo da Rocha Viana, que passou a fazer parte da história da música popular brasileira — como uma de suas figuras mais ilustres — sob o nome de Pixinguinha, nasceu na cidade do Rio de Janeiro, bairro de Piedade, a 23 de abril de 1898. Descendente de africanos, era chamado pela avó materna,

desde menino, Pizindim, "o bom menino", cuja corptela deu Pixinguinha, seu nome artístico.

Imortalizou-se na música popular brasileira pelos seus famosos chorinhos, entre os quais o mais famoso é "Carinhoso". Aos 11 anos, Pixinguinha já tocava cavaquinho, graças aos ensinamentos recebidos de seus irmãos Henrique e Léo. E, no seu depoimento ao MIS, em 1966, contava: "Gostava de ver papai tocar flauta, cercado dos seus amigos Irineu de Almeida, Candinho Trombone, Viriato Correia",

frisando que esse Viriato Correia nada tinha a ver com o famoso escritor homônimo.

Sua primeira gravação foi o chorinho "São João Debalxo D'Água", de Irineu de Almeida; depois gravou "Morcego", isso nos Idos de 1930, respectivamente para a Casa Edison e a Fênix.

Pixinguinha, que faleceu a 17 de fevereiro de 1972, contava que o primeiro saxofone lhe foi presenteado por Arnaldo Guinle, em Paris, mas só foi experimentado quando o artista voltou ao Rio. E dizia: "Foi nessa época que compus "Carinhoso".



O maior de todos. Quem diz são os especialistas



Nas enquetes realizadas junto a conhecedores e estudiosos da música popular brasileira para que apontassem o maior músico popular que já tivemos até hoje, há uma unanimidade significativa: todos eles, de Lúcio Rangel a Almirante e Jacó Bittencourt, escolheram Pixinguinha. Em todas as expressões da sua arte, seja como instrumentista, compositor, arranjador ou maestro, ele conseguiu, para esses estudiosos, chegar a um nível de musicalidade rica e profunda que é a manifestação individual mais intensa já surgida em nossa música popular, mesmo considerando-se mestres como Nazareth, Sinhô e Noel Rosa.

Para o grande público, Pixinguinha ficou famoso pelos choros que compôs, em particular pela criação, em 1923, de "Carinhoso" (que anos mais tarde receberia letra de João de Barro). Mas muitos de seus trabalhos ainda são inéditos. Segundo o compositor e cantor Paulinho da Viola, "infelizmente muita gente ainda não conhece composições de Pixinguinha que, do ponto de vista musical, são perfeitas, verdadeiras obras-primas".

Alfredo da Rocha Vianna Júnior, o Pixinguinha, nasceu na Rua Gomes Serpa, Piedade, Rio de Janeiro, a 23 de abril de 1898. Com 13 anos de idade,

compôs seu primeiro choro, "Lata de leite", em uma época em que já participava da orquestra do Grupo Carnavalesco Filhas da Jardineira.

Foi com Irineu de Almeida, famoso oficialista (o oficialde era um instrumento de sopro muito cultivado na época), que ele aprimorou seu aprendizado de flauta e saxofone. Frequentando festas de samba e bares da Lapa, começou a ser procurado e contratado por diversas orquestras e, em 1915, gravou seu primeiro disco como instrumentista: "São João debaixo d'água" e "Salve", ambas de Irineu de Almeida. Tempos depois, Pixinguinha organizou sua própria orquestra, os Oito Batutas, de que participavam, entre outros, Nelson do Cavaquinho e Donga, no violão baixo. Em 1921, os Oito Batutas transferiram-se do Cinema Palais, onde se apresentavam para o Cabaré Assirio, no subsolo do Teatro Municipal, sendo descobertos por Arnaldo Guinle, que, em janeiro de 1922, patrocinou a viagem do grupo, agora sob nova denominação, Os Batutas, a Paris.

De volta ao Brasil, as apresentações do grupo tornaram-se raras, até que ele se desfez. Em 1926, quando era maestro da orquestra do Teatro Rialto, Pixinguinha conheceu a atriz Albertina de Souza, com quem se casou. Alguns anos depois, organizou o Grupo da Guarda Velha, constituído por Luis Americano, João Braga, Donga, Wanderley, Vantuil de Carvalho, João da Baiarna, Adolfo Teixeira, J. Martins, Bonfiglio de Oliveira, Jonas Aragão e Faustino Conceição.

Em 1940, Villa-Lobos apresentou Pixinguinha ao maestro Leopoldo Stokovsky, que visitava o Brasil. O maestro pediu a Pixinguinha que organizasse um grupo para fazer uma série de gravações a bordo do navio "Uruguai". Foram escolhidos Donga, Ze da Zilda, Cartola, Luis Americano e Jararaca.

Em 1946, sentindo que suas mãos se tornavam trêmulas, Pixinguinha passou a tocar exclusivamente sax-tenor, formando dupla com o flautista Benedito Lacerda. Em 1953, começou a frequentar o Bar do Gouveia, na Travessa do Ouvidor, esquina de Sete de Setembro, onde hoje sua assiduidade é lembrada por uma placa de prata. Em 1964, sofreu um edema, seguido de enfarte. Internado durante 20 dias em uma casa de saúde, compôs "Solidão", "Mais quinze dias", "No elevador", "Mãoeirando", "Manda brasa", "Mais três dias" e "Vou para casa".

Pixinguinha ficou afastado dois anos da vida artística, voltando a apresentar-se em público no Teatro Jovem com o show "Noite de Pixinguinha". Nele, acompanhou Clementina de Jesus, Maria Helena Raposo, o MPB4 e o então Quarteto de Roberto Quarin, que, depois da morte de Pixinguinha, passou a chamar-se Quarteto Pixinguinha. Ainda em 1966, formou dupla com Hermínio Bello de Carvalho, compondo a marcha-rancho "Harmonia das flores" e o samba "Isto é que é viver". Mas a morte o levou sete anos depois.





Há dez anos, o Brasil perdia Pixinguinha

Há exatamente 10 anos, quando morreu Pixinguinha ("Morreu como Cristo: quando fechou os olhos, a chuva começou a cair", disse o cabo da polícia que guardava seu corpo da curiosidade dos foliões da Banda de Ipanema), um importante capítulo da história da música brasileira chegava ao fim: o dos grandes cultores do choro.

Mas terá sido realmente assim? Na época, muitos críticos se apressaram a dizer que sim, João da Baiana e Donga praticamente aposentados (morreram ambos no ano seguinte), Alfredinho do Flautim e outros nomes da Velha Guarda já mortos, Jacob do Bandolim tendo desaparecido prematuramente cinco anos antes, tantos e tão bons chorões já sepultados ou pelo menos esquecidos, o capítulo do choro parecia definitivamente encerrado.

Cometeram dois erros: nem a tradição do choro se extinguiria ali com a morte de um de seus maiores representantes (pelo contrário, passaria por um impressionante reerguimento), nem Pixinguinha se confinava, como artista e criador, aos limites do gênero. Na verdade, a muitos capítulos da história da música popular brasileira — talvez os mais importantes e significativos — pertencera ele, compositor, intérprete, arranjador, músico completo a quem Villa-Lobos dizia dever (a ele e a Bach) tudo que sabia da técnica de contraponto. Portanto, até mesmo em certos capítulos da música erudita cabia o talento de Pixinguinha.

Foi o mais completo, abrangente e artisticamente bem-sucedido músico popular que o Brasil já teve. Acima de modas e modismos, independente de gêneros e correntes. O choro foi apenas uma de suas muitas faces musicais, não só como instrumentista (primeiro na flauta, depois no saxofone em dupla com o flautista Benedito Lacerda), mas também e principalmente como compositor (*Um a Zero, Ingênuo, Lamento, Carinhoso, Sofres Porque Queres, Naquele Tempo*, dezenas e centenas deles). Produziu muito, choros, valsas, polcas, sambas, maxixes, lundus. Sempre bem.

E as outras faces? Uma delas, talvez a menos conhecida, a do arranjador. Foi Pixinguinha quem primeiro organizou uma orquestra bra-

sileira para gravações de discos nos anos 30. Poucos instrumentos no estúdio e ainda assim um som rico, cheio, arrancado de um pequeno grupo de músicos por alguém que sabe como combinar dois saxofones, um pistom, um bombardino, uma flauta, piano e bateria, as vezes nem isso, para criar o clima ideal para a canção e seu intérprete. Francisco Alves, Silvío Caldas, Orlando Silva, Mário Reis, Carmem Miranda, todos os grandes da época gravaram acompanhados por Pixinguinha e seus Diabos do Céu. Arranjador responsável pela magia dos Oito Batutas e mais tarde pelo encanto da Velha Guarda, que nos deixou discos preciosos na antiga Sinter (hoje Poligram), em que a arte do arranjador Pixinguinha pode ser apreciada tanto em músicas suas e dos maxixeiros de seis, sete décadas atrás, como em sambas e marchas carnavalescas de Nássara e Lamartine.

Aranjador, também, da série de diálogos musicais que manteve com Benedito Lacerda numa antológica série de discos para a RCA Victor. Nestes discos, à exceção da flauta de Benedito, tudo era Pixinguinha, as músicas (mesmo as que o outro também assinava), as harmonias, os contrapontos que Villa-Lobos tanto admirava.

Pixinguinha, o instrumentista. Para muitos, o maior flautista de todos os tempos, superior a Patápio Silva, muito superior a Benedito (corriam rumores de que foi o próprio Benedito quem propôs um acordo: daria a chance do então meio esquecido Pixinguinha de gravar na RCA, isso em 1945, e em troca Pixinguinha nunca mais pegaria numa flauta), muito superior, ainda, a todos que os sucederam. No saxofone, nunca chegou a ser um virtuose. Nem mesmo um solista, deixando o primeiro plano para os outros e contentando-se com os contrapontos. No entanto, era tão bom nisso que quase sempre terminava em ser mais notado que o solista. Foi assim com Benedito e mais tarde com o pessoal da Velha Guarda e todos os que vieram a tocar e a gravar com ele.

Dez anos depois de sua morte, como estão Pixinguinha e sua obra no quadro da atual música popular brasileira? Não viveu o bastante para testemunhar o renascimento do choro. Nem ele,

nem Jacob do Bandolim, dois de tantos que mereciam essa glória. Mas, muita coisa aconteceu desde 17 de fevereiro de 1973. No que diz respeito a Pixinguinha propriamente dito, foi objeto de dois livros (*Pixinguinha, Vida e Obra*, de Sérgio Cabral, e *Filho de Ogum Bexiguento*, de Marília Barbosa e Artur L. de Oliveira Filho), artigos em jornais e revistas, espetáculos musicais, conferências. E muitos discos, alguns relançados, outros gravados por seus seguidores (um deles, só de inéditos, que Altamiro Carrilho e Carlos Poyares; e outro, mais recente, em que Radamés Gnattali e a Camereta Carioca o colocam lado a lado com Vivaldi).

A música popular, em si, é que não mudou muito nestes 10 anos. Modas e modismos continuam na ordem do dia, a música instrumental faz força para sobreviver num mundo de cantores, o rock impera. Para os meios de divulgação — rádio e televisão — Pixinguinha praticamente não existe (embora a TV Educativa anuncie para esta noite, produzido por Hermínio Bello de Carvalho, um programa em sua homenagem).

Não mudou a música popular mesmo naquilo em que Pixinguinha deixou uma grande lição. Sendo cultor de um gênero instrumental — e músico bem informado que era — inevitável seria que, já nos anos 20, tomasse conhecimento do idioma do jazz. E fosse beber em sua fonte. Sua obra, contudo, seria o maior exemplo de que é grande a distância que separa a informação, o conhecimento ou mesmo o deixar-se influenciar, da imitação pura e simples. Uma lição que poucos no Brasil — sobretudo instrumentistas — aprenderam. Sua música é soma de muitas outras músicas, da polca e do *schotisch* dos europeus, das improvisações do jazz, das raízes africanas. E, no entanto, brasileira, Pixinguinha.

Ele morreu no fim da tarde de 17 de fevereiro de 1973, na sacristia da Igreja de Nossa Senhora da Paz, em Ipanema, onde aguardava a chegada do menino Rodrigo, a quem deveria batizar dali a pouco. Para o crítico, pesquisador e historiador Lúcio Rangel, nenhum capítulo se encerrava então: "Pixinguinha é eterno, ele é toda a música brasileira. Daqui a 100 anos, estará tão vivo quanto no tempo dos Oito Batutas".